

**Antigüidade romana e Espanha franquista:
A *Semana Augustea de Zaragoza* (1940)**

RAFAEL AUGUSTO NAKAYAMA RUFINO¹

Introdução

Nas últimas décadas, os campos de estudos referentes ao mundo antigo, principalmente a história e a arqueologia, têm recebido o aporte de uma discussão que visa questionar alguns de seus pressupostos epistemológicos. De uma tradição interpretativa que concebe os estudos sobre a Antiguidade como sendo pautados pela completa objetividade e neutralidade, alguns autores, imbuídos daquilo que pode ser denominado “reação subjetivista”, defendem a idéia de que em qualquer visão sobre o passado deve ser levado em conta o autor dessa visão, que acaba por interferir diretamente no conteúdo de sua produção. Nesse sentido, a Antiguidade, como campo de pesquisa, passou a ser problematizada por um viés analítico que não a concebe por si mesma, mas levando em conta suas próprias tradições interpretativas, ligadas a diferentes interesses e momentos históricos.

Nessa perspectiva, alguns autores têm contribuído para o debate. Em sua obra, *Escravidão antiga e ideologia moderna* (1991), Moses Finley, ao constatar que a escrita da história não pode ser entendida como uma atividade neutra e objetiva, realiza um processo de revisão das obras de historiadores modernos sobre Grécia e Roma, na tentativa de perceber as ideologias que permeavam as interpretações do escravismo antigo. Outro autor, Pierre Vidal-Naquet (2002), nos mostra as várias leituras modernas de episódios relativos principalmente à Grécia antiga como, por exemplo, a imagem de Atenas vista por vários ângulos: ora como liberal, democrática e republicana, ora como socialista. Na mesma obra, questiona qual é o lugar da Grécia antiga na vida do general Macriyannis, que durante o século XIX lutou para libertar seu país da ocupação turca. Sendo assim, o autor concebe a idéia de que os vestígios do passado são alvos constantes de leituras contemporâneas que acabam estabelecendo seus sentidos e significados.

¹ Mestrando em História Cultural pelo IFCH/UNICAMP. Bolsista CNPq.

Mais recentemente, Richard Hingley (2010: 68) colocou a questão da contemporaneidade dos estudos sobre a Roma antiga que “com freqüência explicam os fenômenos históricos antigos nos termos que satisfazem os gostos e os interesses modernos”. E chama a atenção para a importância de se adotar uma “perspectiva crítica acerca dos modos como os conceitos clássicos vêm sendo usados, para sustentar a criação do poder político e das relações imperiais entre povos dominantes e sujeitados”. Por sua vez, Martin Bernal (2005: 30) analisa como, a partir de um modelo interpretativo, a Grécia Antiga foi vista como a primeira civilização universal e, ao mesmo tempo, como o antepassado cultural dos europeus, o que legitimaria sua empresa colonialista e hegemônica, bem como, sua “missão civilizadora”.

O presente artigo está inserido nesse debate uma vez que se propõe a discutir o lugar ocupado pela Roma antiga na construção identitária da Espanha franquista, após o término da guerra civil, em 1939. Para isso, o objetivo é analisar os atos que giraram em torno da *Semana Augustea* – atividade inserida na comemoração do bimilenário do *princeps* Augusto na Espanha, ocorrida na cidade aragonesa de Zaragoza, entre os dias 30 de maio e 4 de junho de 1940. Estiveram presentes no evento inúmeras autoridades políticas e acadêmicas espanholas e italianas, organizou-se visitas a ruínas romanas localizadas em cidades próximas a Zaragoza e excursões a escavações arqueológicas em sítios de período romano. O ato principal do evento foi a inauguração de uma estátua de Augusto – uma réplica de Augusto de Prima Porta -, um presente oferecido por Mussolini à Espanha, em particular à cidade de Zaragoza.

Em relação às fontes de pesquisa, serão utilizados notícias, editoriais e artigos de opinião presentes em diários (*ABC*, *La Vanguardia*) e periódicos (*Aragón*, *Amanecer* e *Emerita*) da época. A partir da leitura desse material torna-se possível nos aproximarmos das idéias que se manifestaram em torno da *Semana Augustea*.²

² Além disso, esses diários e periódicos analisados são importantes para a pesquisa uma vez que se vinculam com as proposições ideológicas do regime franquista, haja vista a ingerência governamental nos meios de comunicação após a ascensão de Francisco Franco, quando ficaram submetidos ao dirigismo do Estado e à censura oficial. Nesse sentido, Joseph Pérez comenta que “*a partir de 1938 la prensa y la edición quedaron sometidas a una severa reglamentación: censura previa, obligación de insertar comunicados oficiales (consignas, informaciones, anuncios de ceremonias y actos públicos)*” (2006: 651). Javier Tusell, ao comentar a repressão franquista pós-guerra civil e a situação da imprensa, observa que era “*imprescindible disponer de un carnet para poder ejercer la profesión de periodista y sólo se le concedió a menos de la mitad de quienes lo pidieron*” (2001: 403). Todas essas medidas estavam amparadas na Lei de Imprensa de 1938 que, segundo, Francisco Sevillano Calero “*convirtieron a los periódicos en instrumentos propagandísticos al servicio del Nuevo Estado*” (1997: 318).

Busca-se, portanto, compreender uma determinada leitura do passado romano que foi realizada na Espanha no início dos anos 40. Uma “nova Espanha” estava surgindo, portadora de uma nova identidade. A questão é: qual identidade? O que passaria a identificar a Espanha como nação? Qual era a *essência* do povo espanhol? Qual imagem da Roma antiga foi trazida à tona? Por que comemorar o bimilenário de Augusto na Espanha? São alguns pontos que serão abordados nesse artigo.

A *Semana Augustea* de Zaragoza (30 de maio – 4 de junho de 1940)

Em 1937, a Itália fascista comemorava, com uma grande festividade, o Bimilenário de nascimento daquele que é considerado o primeiro imperador romano, Otávio Augusto. Nesse momento, o *Duce*, Benito Mussolini, se apresentava como o novo Augusto, governante supremo e continuador da grandeza da Roma imperial. A expansão imperialista italiana no norte da África era, dessa forma, legitimada, pois fazia parte de um projeto iniciado há mais de dois mil anos, estabelecendo uma linha de continuidade entre a Roma antiga e a Roma mussoliniana. Andrea Giardina nos dá uma idéia da representatividade dessa comemoração na Itália:

“O bimilenário de Augusto ocorreu após a conquista da Etiópia, quando a Itália fascista assumira uma orgulhosa severidade imperial. Na ocasião, entre tantas outras celebrações, foi organizada em Roma a ‘Mostra da romanidade de Augusto’, uma vitrina extraordinária da Roma antiga e do culto fascista da romanidade: os visitantes eram introduzidos nos usos, costumes, técnicas, cultura do mundo romano, junto aos valores antigos que a Itália fascista tinha tornado contemporâneos. O eco na Itália e no exterior foi enorme” (2008: 60)³.

Essa comemoração foi um espaço privilegiado para a afirmação do “*culto della romanità*”, um conceito entendido por Luciano Canfora (1991) como a busca de um modelo a ser seguido: forja-se uma imagem da Roma clássica com os valores da civilização romana, a expansão imperialista e, principalmente, o Principado. Essa

³ Ver também: CAGNETTA, 1976; SCRIBA, 1995.

imagem serve, portanto, como um modelo a ser seguido, e Augusto como o mais bem sucedido governante e uma inspiração para os líderes do momento.

No que concerne à Espanha, o “*culto della romanità*” alcança um nível bem mais modesto se comparado ao caso italiano. No entanto, podem ser encontradas algumas manifestações, como é o caso da *Semana Augustea de Zaragoza*, atividade inserida na comemoração do bimilenário de Augusto na Espanha.

Os atos da referida *Semana* ocorreram entre os dias 30 de maio e 4 de junho de 1940, em sua maioria nas instalações da Faculdade de Medicina da Universidade de Zaragoza, na cidade de Zaragoza, capital da Comunidade Autônoma de Aragão, localizada na região nordeste da Espanha. A comemoração deveria ter acontecido em 1937, como na Itália, mas não foi possível.

“*El día 30 de mayo comenzó solemnemente en Zaragoza la ‘Semana Augustea’. Su fin principal era celebrar el ‘Bimilenario de Augusto’ que a su tiempo no había podido conmemorar España en 1937, por hallarnos todos entonces ocupados en la defensa de la Patria*” (EMERITA, 1939: 195).

A guerra civil, ocorrida entre 1936 e 1939, que derrubou o governo legítimo da República por meio de um golpe militar, ocasionando a ascensão de Francisco Franco ao poder da Espanha, levou ao adiamento, para o ano de 1940, da comemoração do bimilenário de Augusto. A promoção do evento coube ao *Conlegium Augusteum*, fundado em 1939, cujo presidente foi o catedrático de Língua e Literatura latinas e vice-reitor da Universidade de Zaragoza, Dr. Pascual Galindo. A presidência de honra foi aceita por Francisco Franco e Benito Mussolini, após terem recebido o convite por meio de cartas escritas em latim.⁴

Cumprido esclarecer, antes de qualquer coisa, que o fato de a *Semana* ter ocorrido na cidade de Zaragoza, particularmente na Universidade de Zaragoza, tem um significado importante. Desde o início da guerra civil, a Universidade de Zaragoza, na figura de seu reitor, Gonzalo Calamita, havia aderido à causa dos insurgentes desde o princípio da guerra (18 de julho de 1936) e colocado à disposição do exército franquista todas as suas instalações e pessoal. Junto a isso, ganha destaque a poderosa

⁴ Ambas as cartas foram remetidas por Pascual Galindo. Foram publicadas em: (EMERITA, 1939: 197-198).

personalidade de Pascual Galindo na organização do evento, bem como as estreitas relações com o Ministério do Governo, comandado por Serrano Suñer. Todos esses fatores, segundo Antonio Duplá, favoreceram a organização de um evento como a *Semana Augustea* (DUPLÁ, 1997: 568).

O evento contou com a presença de inúmeras autoridades políticas italianas. Podemos citar o encarregado de Negócios da Embaixada da Itália, conde Zoppi, que representava o embaixador italiano, general Gambará; o secretário da embaixada italiana, marquês de Cavalletti; o diretor geral do Instituto Italiano de Cultura na Espanha, Salvador Battaglia; o cônsul geral da Itália em Barcelona, Sr. Berri; o cônsul da Itália em Zaragoza, Sr. Piccio; além de periodistas e demais autoridades. Do lado espanhol, participaram o ministro do Governo, Ramón Serrano Suñer; o ministro da Educação Nacional, José Ibáñez Martín; o prefeito de Zaragoza, Juan José Rivas. Também estiveram presentes outras autoridades nacionais e locais.

Importante destacar a participação em todos os atos do evento do partido político *Falange Española Tradicionalista y de las J.O.N.S.* Era o único partido legalizado no interior do regime franquista. Segundo Antonio Duplá, “los dirigentes de este grupo pretendían construir en España un Estado fascista similar al italiano” e, além disso, “es en este grupo donde encontramos las huellas de una ideología clasicista, que podemos relacionar con el caso italiano, aunque tiene caracteres propios (2003: 77-78). A partir do exposto é possível entender o particular interesse dos partidários da *Falange* em torno da comemoração do bimilenário, sendo um indicativo da importância do tema clássico na elaboração política e ideológica do partido. É sintomático, pois, a presença constante no evento do chefe provincial da *Falange*, Pío Altolaquirre, além das *Organizaciones Juveniles* e da *Sección Femenina*.

Do ponto de vista acadêmico, durante a *Semana Augustea* foram proferidas seis conferências de professores espanhóis e italianos: Dr. Perrota (Catedrático de Filologia Grega na Universidade de Roma) – “*Augusto*”; Dr. Pío Beltrán (Catedrático do Instituto de Valência) – “*Acuñaciones de época augustea*”; Dr. Pascual Galindo – “*Augusto y la fundación de Caesaraugusta*”; Salvarore Riccobono (professor da Universidade de Roma e membro da Academia da Itália) – “*Aportaciones jurídicas de Roma a Hispania*”; Manuel Torres López (catedrático de Direito da Universidade de

Salamanca) – “*Romanización de Hispania en tiempos de Augusto*”; B. Pace (arqueólogo de Roma) – “*Roma de Augusto antes y después de las excavaciones de Mussolini*”.

O evento também contou com visitas arqueológicas realizadas nas ruínas romanas presentes em território aragonês:

“Zaragoza, 31 - A primeras horas de la tarde, por iniciativa de las personalidades italianas que han venido a los actos que se están celebrando, se efectuó una excursión a las ruínas romanas de Vellila de Ebro, que se llamó en tiempos de César, Julia Celsa. Luego visitaron Azaila.

Dirigió la expedición e hizo interesantes relatos sobre el origen romano de las dos villas el doctor don Juan Cabré, director del Museo Cerralbo, que es quien ha descubierto y ordenado dichas ruinas. Visitaron también la excavación de Numancia bajo la dirección del señor Taracena” (LA VANGUARDIA, 1940a: 5).

“Zaragoza, 1 - Las personalidades italianas que vinieron a ésta para tomar parte en la Semana Augustea, visitaron hoy los monumentos de la ciudad y las ruinas de las antigua César Augusta.

Los profesores, señores Galindo, Alvareda y Picamón ilustraron la visita con interesantes relatos acerca de los primeros tiempos de Zaragoza.

También visitaron el Museo Provincial” (LA VANGUARDIA, 1940b: 9).

Estar em contato com essas ruínas servia para construir o discurso sobre a origem romana da Espanha. A arqueologia, nesse sentido, relacionava-se diretamente com o forjamento de uma origem nacional, ainda mais em se tratando do regime franquista, portador de uma forte retórica nacionalista que concebia a nação como uma comunidade homogênea, avessa a qualquer tipo de idéia que pudesse romper com os elos constituintes da identidade nacional espanhola. Contudo, esses elos, entendidos como naturais, tinham que ser “inventados” e, portanto, buscados em saberes que pudessem orientar esse empreendimento. É desse modo que a arqueologia, segundo Margarita Díaz-Andreu, “se desenvolve como resultado da necessidade de se encontrar dados que permitiria a reconstrução do passado nacional” (1995: 39). Vislumbra-se, portanto, que a arqueologia, muitas vezes, está relacionada com a criação e a valorização de uma identidade nacional ou cultural, demarcando, dessa forma, seu caráter político que responde a necessidades político-ideológicas dos grupos em conflito

nas sociedades contemporâneas (FUNARI, 2003: 100-101). É com essa postura que devemos analisar as visitas nas ruínas romanas realizadas durante a *Semana Augustea*. Longe de serem simplesmente motivo de curiosidade, as ruínas constituíam “provas” que reafirmavam a vinculação direta entre a identidade espanhola e a Roma antiga.

O ato principal e o mais aguardado do evento era a inauguração de uma estátua de Augusto, que fora um presente dado por Mussolini a Zaragoza, em 1940. A estátua era uma cópia em bronze de Augusto de “Prima Porta”, cuja original está conservada no Museu do Vaticano, em Roma. O local escolhido para colocar a estátua, que media 2,75m e pesava 760 kg, foi a *Plaza de Paraíso*. O ato se converteu em uma grande solenidade, ocorrida no dia 2 de junho.

“Zaragoza 3. Ayer mañana, a las once, se ha efectuado el descubrimiento de la estatua del Emperador Augusto, que regala el Duce a Zaragoza. Asistieron el ministro de Educación Nacional, Sr. Ibañez Martín; la esposa del embajador de Italia en España, general Gambará; autoridades, jerarquías y profesores italianos y españoles que toman parte en la ‘Semana Augustea’” (ABC, 1940: 8).

“En la Plaza de Paraíso aparecía engalanado el monumento que estaba rodeado de banderas italianas y españolas. Se levantó una tribuna que ocuparon el ministro de Educación Nacional, el encargado de Negocios de la Embajada de Italia, conde Zoppi, el general jefe de la Quinta región, general Monasterio; S. E. la embajadora de Italia, señora de Gámbara, con su hija Mari; los generales Yeregui y Sueiro, y todas las autoridades de Zaragoza.

Una compañía de Aviación y otra de Infantería rindieron honores. La organización Juvenil falangista, uniformada, cubría la carrera” (LA VANGUARDIA, 1940c: 5).

Este ato teve uma repercussão considerável nos meios de comunicação, principalmente em periódicos simpatizantes do regime franquista, como o *Aragón* e o *Amanecer*. Aproveitou-se a ocasião para a abordagem de vários temas relacionados com a Espanha, Itália e Roma antiga.

Um dos assuntos recorrentes foi a chamada irmandade latina ítalo-espanhola, que possuía raízes muito profundas na história.

“Zaragoza, la antigua Cesaraugusta, sigue celebrando con inusitado esplendor la conmemoración de su imperial fundador. A estas fiestas se ha asociado el Gobierno italiano, corroborando así una vez más, la hermandad latina de las dos naciones que bajo el signo de la hispanidad y la romanidad, sellaron su unión en la batalla civilizadora, uno de cuyos principales escenarios, de resistencia primero, y de impulso, después, fue, precisamente, el Ebro aragonés y romano” (AMANECER, 2 jun. 1940).

A “batalha civilizadora” mencionada no texto se refere à ajuda do governo italiano aos insurgentes, liderados pelo general Franco, durante a guerra civil espanhola. Cumpre esclarecer que os anos de 1939 e 1940 foram pródigos em atos de reafirmação da amizade entre a Espanha e a Itália, cujo auxílio fora decisivo para o triunfo do grupo franquista. O momento era, então, de agradecimento pelo esforço de guerra italiano.

“Este regalo del Duce a la vieja Cesaraugusta y la aceptación por su parte de la presidencia de honor en la Junta del Bimilenario, constituyen el remate, corona y cifra de tantos presentes como Italia viene haciendo a España, de un modo especial en estos últimos tiempos: presentes de sangre legionaria, de material bélico, de aliento contra la incomprensión, la torpeza y la maldad” (ARAGÓN, 1940a: 19).

Após a cerimônia de descobrimento da estátua, o representante italiano, conde Zoppi, e o prefeito de Zaragoza, Juan José Rivas, pronunciaram discursos que enfatizavam essa irmandade milenar que havia encontrado a ocasião para ressurgir. Augusto, nesse sentido, representava o elo entre italianos e espanhóis, pois era tido como o fundador de Zaragoza, a antiga cidade de *Cesaraugusta*. Fato que não passaria despercebido no discurso das duas autoridades. Antes disso, foram executados os hinos nacionais, espanhol e italiano, e a seguir conde Zoppi foi o primeiro a discursar:

*“Cuando César Augusto quiso crear en el Occidente del Imperio un fundamento seguro de la civilización romana, fundó en el corazón de la generosa tierra aragonesa la ciudad de Zaragoza junto a la antigua Salduba.
(...) Italia fué la primera nación que reconoció a vuestro Caudillo y envió a Salamanca a su primer embajador, acto que cantó un gran poeta vuestro, interpretando el gesto del Duce como un acto de fe: Creo en España.*

Confíándoos hoy la estatua de bronce de Augusto, que no fué solamente el fundador de vuestra ciudad, sino el fundador del Imperio, el Duce os dice mucho más que ‘Creo en España’. Os dice: ‘Creo en la grandeza de España’” (ARAGÓN, 1940b: 56).

O representante italiano foi muito aplaudido. Dando prosseguimento, foi a vez de Juan José Rivas se pronunciar:

“En nombre de la ciudad, orgullosa por su origen y por su nombre, al sentirse romana y augustea, recibió la estatua que el Duce de Italia ha regalado a Zaragoza y España.

Desde el primer momento de la lucha comprendió Italia la verdad de España y defendió con su sangre, siendo la primera nación que envió a Salamanca su embajador, como poco después tantos bravos hijos de Italia que vertieron su sangre junto a los soldados de España. Zaragoza conserva en su cementerio gran parte de estos heroicos italianos, y mucho se honra en ello.

Esta estatua, pues, de nuestro fundador, nos recordará los motivos de agradecimiento que tiene Zaragoza y España entera para con la nación italiana y su Duce.

Augusto trajo al mundo entonces la paz. Quiera Dios que esta venida de Augusto en efigie a Zaragoza sea también nuncio de una paz basada en la justicia, único modo de que sea fecunda y duradera” (ARAGÓN, 1940b: 57).

Ambos os discursos tratam da relação entre a duas nações latinas que, por se entenderem descendentes da mesma fonte geradora, Roma, estiveram sempre unidas ao longo da história. Percebe-se, a partir disso, uma determinada visão que estabelece uma idéia de continuidade, vista como atemporal e, até mesmo, a-histórica, entre a Roma antiga e as nações modernas. A noção de descendência cumpre um importante papel nesse sentido, pois o significado da ajuda italiana aos insurgentes espanhóis (viam-se como “a verdadeira Espanha”), mesmo que influenciada por fatores de interesse econômico, compatibilidade ideológica ou de natureza diversa, ganhava sentido ao se enfatizar a irmandade latina entre Itália e Espanha, onde a imagem da Roma antiga como a “pátria mãe” era determinante para a solidariedade no campo de batalha, transcorridos dois milênios.

Outro elemento importante a ser destacado, é o papel que uma imagem da Roma antiga desempenhou na (re) construção identitária da Espanha. Após a vitória na guerra civil, era o momento de se estabelecer uma nova identidade da nação espanhola, fundamentada nos valores tradicionais que caracterizavam o povo espanhol como uma comunidade homogênea, uma espécie de “unitarismo radical” (TUSELL, 2001: 403), representada pela idéia de uma Espanha “*Una, Grande y Libre*”⁵. Recusavam-se os valores tidos como característicos da Espanha republicana como o liberalismo, o materialismo, o separatismo, a aproximação com o comunismo, entre outros. Sendo assim, surgiam exemplos, em vários momentos do passado, dessa Espanha idealizada e perfeita pretendida pelo novo governo e por uma grande parte do povo espanhol. Digno de destaque, nesse sentido, foi a época do imperialismo colonial espanhol durante os séculos XVI e XVII, visto como uma época áurea da nação, marcada pela unidade política, territorial e cultural, onde a identidade espanhola está diretamente vinculada com o catolicismo.

A “nova Espanha” que estava surgindo buscava no passado elementos que pudessem fundamentar uma identidade nacional. Durante a comemoração da qual estamos tratando, Augusto era uma figura que deveria ser conhecida por todos os espanhóis, pois fazia parte de um passado glorioso.

¿Como pudo transcurrir tantos tiempos en el olvido la figura del gran Emperador romano que echó los cimientos de nuestra ciudad?

Vivia, sí, en la mente de los eruditos; tropezaban con ella los rebuscadores de cosas viejas, entre el polvo de los archivos, y en la pátina que recubre los muros y abraza la piedras miliarias; pero el pueblo, aun aquel que no puede ser llamado ‘vulgo’, desconoce la enorme figura histórica de César Augusto que da su nombre a un siglo, y contempla con indiferencia los numerosos vestigios de la dominación romana en España.

¡Oh, qué majestuosamente señorea una de nuestras viejas plazas o calles, singularmente las que más sabor tengan la romanidad, la estatua de César Augusto enviada por el Duce!

⁵ “Fue una época de manifestaciones aparatosas, desfiles, viajes a Alemania e Italia, proclamas orgullosas a favor de una España una – contra los separatismos -, grande – se auguraba para ella un destino imperial, con conquistas territoriales en África – y libre de la dominación extranjera, en particular de Inglaterra, a la que acusaba de explotar el país desde el siglo XIX. ‘Una, grande, libre’ fue el lema de la España franquista”. (PÉREZ, 2006: 647)

Por ella, vendran en conocimiento de nuestro abolenjo los que hasta ahora lo desconocian, y aprenderán a amar la ciudad romana, después cristiana fidelísima, y hoy para siempre española como la que más. Es hora de revalorizar los pergaminos de nuestra raza. Hombres pérfidos o mal aconsejados pretendieron hacer almoneda con ellos, y ha sido preciso un enorme y sangriento sacrificio para evitar el sacrilegio.

*Se evitó, y sobre el pavés se levantan de nuevo nuestros valores morales comenzando por el **catolicismo**. No podía faltar nuestra **romanidad**” (ARAGÓN, 1940a: 19). Grifos meus.*

Percebe-se, a partir do exposto, como o passado ocupa um papel de destaque na construção identitária das nações modernas. No caso aqui estudado, tornava-se necessário para a construção de uma “nova Espanha”, o forjamento de uma nova identidade nacional, a partir de valores que pudessem transmitir a chegada de uma nova era na história espanhola. Recusou-se os separatismos, por exemplo, para reafirmar a identidade católica do país. E claro, como vimos acima, não podia faltar a romanidade como elemento constituidor da identidade nacional do país ibérico. Segundo Richard Hingley, a busca de uma *origem da nação* a partir da Roma antiga, comumente “foi empregado para definir uma linha de continuidade no desenvolvimento cultural europeu desde o passado clássico até o presente” (2010: 68).

Por fim, cumpre destacar que nada é mais propício que a idéia de uma origem em comum para forjar o ideal de nação, pois é em nome de uma herança e ancestralidade que é julgado o direito de pertencer ou não a uma comunidade⁶, quer dizer, “definir uma origem torna-se definir um modelo ético, um modelo político, uma raça, uma nação, uma missão e um destino, e, também, o valor dos que não pertencem a essas definições” (SILVA; MARTINS, 2008: 52). Ou seja, utiliza-se uma categoria interpretativa que estabelece a idéia de um desenvolvimento linear, a partir de um passado tido como original que permeia o presente como seus hábitos, valores, cultura. É esse o significado da *romanidade* citado acima.

⁶ “O sentido de pertencimento é vital para uma definição própria de identidade nacional, e a ligação de identidades étnicas a certos tipos de evidências arqueológicas tornou-se um instrumento poderoso na Inglaterra como em vários países europeus” (HINGLEY, 2005: 30).

Considerações finais

Nesse artigo, a proposta foi discutir como o passado romano teve um importante papel na definição da identidade nacional espanhola no início dos anos 40, momento pós-guerra civil, quando o governo de Francisco Franco tentava legitimar e consolidar seu poder. Foi um momento de forte nacionalismo e de aproximação ideológica com a Itália fascista. A compreensão da Espanha, pelos franquistas, como uma comunidade pautada pela homogeneidade cultural e unidade nacional, tornou necessário a busca de uma nova identidade que viesse corroborar a idéia de uma povo único, com características próprias, compartilhando os mesmo valores e herdeiros de uma mesma “fonte geradora”. Como foi exposto no decorrer do artigo, o catolicismo foi visto como um dos elementos centrais da identidade espanhola. Um outro elemento definidor dessa identidade foi a *romanidade*, entendida como uma herança cultural deixada pela Roma antiga à Espanha. A figura de Augusto, portanto, servia para enfatizar essa idéia, como o fundador de Zaragoza.

Contudo, é necessário entender essa tentativa de vincular a Roma antiga com a Espanha franquista não como uma imagem de herança cultural direta do passado, mas como uma releitura daquele passado – por vezes, pensando a herança cultural como forma de justificar e legitimar questões contemporâneas, pois cada época, baseada em valores de seu momento presente, tentou resgatar um determinado tipo de passado de acordo com suas necessidades identitárias, buscando estabelecer as idéias de herança cultural e continuidade histórica.

Nesse sentido, as fontes de pesquisa aqui utilizadas devem ser entendidas como discursos sobre o passado romano e não como portadoras de um retrato fiel e transparente. Ao mesmo tempo que se forjava uma nova identidade espanhola, construía-se uma imagem de Roma. Ressaltou-se, comumente, no passado romano sua expansão imperial, seu imperialismo, sua unidade, sua força bélica, sua literatura, suas construções e sua arte: cada um desses tópicos ganhava maior ou menor destaque dependendo do momento histórico em que este passado era “resgatado”. Durante a *Semana Augustea*, Roma aparecia como o modelo de civilização, de imperialismo, e Augusto como o governante de um grande império, o artífice da *Pax Romana* que levou harmonia a Roma e às províncias. Desse modo, tanto Mussolini quanto Franco

apareciam como seus herdeiros, continuadores da sua missão imperial. Além disso, no caso espanhol, a idéia de uma paz conquistada no campo de batalha, após uma guerra civil, que tornou possível o restabelecimento de uma ordem, aproximava ainda mais a figura de Franco com a de Augusto. Porém, em nenhum momento Augusto aparece descrito como o restaurador da República. É vinculado com a expansão imperial e o imperialismo. Uma representação que cabia naquele momento, onde justamente era a imagem da República espanhola que se queria apagar. Na construção de Francisco Franco como o “novo Augusto”, foi preciso “esquecer” que o próprio Augusto se entendia como o restaurador, e não destruidor, da ordem republicana⁷.

Enfim, diante disso, podemos concordar com o medievalista francês, Georges Duby, quando comenta que “cada época constrói mentalmente sua própria representação do passado, sua própria Roma e sua própria Atenas” (DUBY, 1980: 44).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- fontes

La Semana augustea. Solemne actos en Zaragoza. *ABC*, Madrid, 4 jun. 1940.

El regalo de Mussolini a Zaragoza. *Aragón: revista gráfica de cultura aragonesa*. Zaragoza: Sindicato de Iniciativa y Propaganda de Aragón, ano XVI, n.164, 1940a.

La Semana Augustea. *Aragón: revista gráfica de cultura aragonesa*. Zaragoza: Sindicato de Iniciativa y Propaganda de Aragón, ano XVI, n.166, 1940b.

Crónica: La “Semana Augustea” de Zaragoza. *Emerita. Revista de lingüística y filología clásica*. n.6-7. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas (CSIC), 1939. p.195-198.

Los actos de la Semana Augustea. *La Vanguardia*, Barcelona, 1 jun. 1940a.

La Semana Augustea. Llegada del ministro de Educación Nacional. *La Vanguardia*, Barcelona, 2 jun. 1940b.

Solemne entrega de la estatua del Emperador Augusto, donada por el Duce a Zaragoza. *La Vanguardia*, Barcelona, 4 jun. 1940c.

RES GESTAE DIVI AVGVSTI. Texto latino com tradução de Matheus Trevisan e Antônio Martinez de Resende. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

- referências

⁷ Em seu relato autobiográfico, no qual relata seus feitos, Augusto diz: “Aos dezenove anos, formei um exército por minha iniciativa e às minhas custas. Com ele restitui a liberdade a república oprimida pelo domínio de uma facção...” (*RES GESTAE DIVI AVGVSTI*, I).

- BERNAL, Martin. A imagem da Grécia Antiga como uma ferramenta para o colonialismo e para a hegemonia européia. Trad. Fábio Adriano Hering. In: *Textos Didáticos – repensando o Mundo Antigo*. IFCH/UNICAMP. nº49, abril de 2005. p.13-31.
- CAGNETTA, M. Il mito di Augusto e la “rivoluzione fascista”. In: *Quaderni di Storia* 2 (3), 139-181. 1976.
- CANFORA, Luciano. *Ideologías de los estudios clásicos*. Trad. María del Mar Llinares García. Ediciones Akal. Madrid, 1991.
- DÍAZ-ANDREU, Margarita. Archaeology and nationalism in Spain. In: KOHL, Philip L., FAWCETT, Clare (orgs.). *Nationalism, politics, and the practice of archaeology*. Cambridge University Press, 1995. p.39-56).
- DUBY, Georges. Un nominaliste bien tempéré. In: *Dialogues*, Paris, Flammarion, 1980. p.37-66
- DUPLÁ, Antonio. Semana Augustea de Zaragoza (30 mayo – 4 junio 1940). In: MORA, Gloria; DÍAZ-ANDREU, Margarita (eds.). *La cristalización de pasado: génesis y desarrollo del marco institucional de la arqueología en España*. Servicio de Publicaciones de la Universidad de Málaga: Málaga, 1997. p.565-572.
- _____. Falange e Historia Antigua. In: *Antiguidad y franquismo (1936-1975)*. ALONSO, Fernando Wulff; MARTÍ-AGUILAR, Manuel A. (orgs.). Centro de ediciones de la disputación de Málaga (CEDMA), 2003. p. 75-94.
- FUNARI, Pedro Paulo A. *Arqueologia*. São Paulo: Contexto, 2003.
- FINLEY, Moses. *Escravidão antiga e ideologia moderna*. Trad. Norberto Luis Guarinello. Rio de Janeiro: Graal, 1991.
- GIARDINA, Andrea. O mito fascista da romanidade. In: *Estudos Avançados*. vol.22, nº62. São Paulo. Jan./Apr. 2008. p.55-76.
- HINGLEY, Richard. *O imperialismo romano: novas perspectivas a partir da Bretanha*. Trad. Luciano César Garcia Pinto. Orgs. Renata Senna Garraffoni, Pedro Paulo Funari e Renato Pinto. São Paulo: Annablume, 2010.
- _____. Concepções de Roma: uma perspectiva inglesa. In: *Textos Didáticos – Repensando o mundo antigo*. IFCH/UNICAMP. 2ªed. nº 47 - fevereiro. 2005. p.27-62.
- PÉREZ, Joseph. La España de Franco (1939-1975). In: PÉREZ, Joseph. *Historia de España*. Trad. Juan Vivanco, Magda Mirabet y Maria Carmen Doñate. 3.ed. Crítica: Barcelona, 2006. p.638-667.
- SCRIBA, F. *Augustus im Schwarzhemd? Die Mostra Augustea della Romanità in Rom1937/38*. Frankfurt a.M., 1995.
- SEVILLANO CALERO, Francisco. La estructura de la prensa diaria en España durante el franquismo. In: *Investigaciones históricas: época moderna y contemporánea*. Universidad de Valladolid, 1997. p.315-340.
- SILVA, Glaydson José da; MARTINS, Adilton Luís. Genealogia e História Antiga. In: FUNARI, Pedro Paulo; RAGO, Margareth. (orgs.) *Subjetividades antigas e modernas*. São Paulo: Annablume, 2008. p.47-58

TUSELL, Javier. El régimen de Franco: la era azul. In: MARTÍN, José-Luis; MARTÍNEZ SHAW, Carlos; TUSELL, Javier (orgs.). *Historia de España. La Edad Contemporánea*. Madrid, Taurus: 2001.

VIDAL-NAQUET, Pierre. *Os gregos, os historiadores, a democracia: o grande desvio*. Tradução: Jônatas Batista Neto. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.